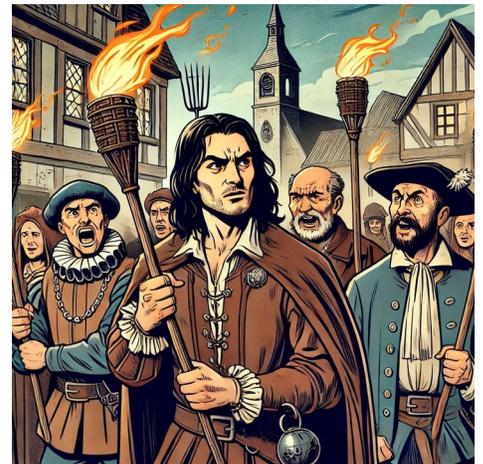




Meus senhores, tudo começou no dia em que botei os pés nessa velha estrada que eles chama de Svalich.

No primeiro dia eu cheguei na vila da Barovia. Havia grande comoção. Um indivíduo chamado Doru estava reunindo algumas pessoas da vila pra irem até o castelo para destruir “o demônio”.



O castelo é visível a partir da vila e fica no alto de uma montanha. Pelo que eu soube, esse Doru era o filho do padre local, mas o padre não estava de acordo com esta ação do seu filho. De acordo com o padre, o tal “demônio” não incomodava ninguém a mais de cem anos. Deste grupo eu conversei com um simpático jovem chamado Escher, que dizia ser muito amigo do tal Doru. O grupo parecia confiante, pois eles contavam com a ajuda de um “feiticeiro”. O tal “feiticeiro” era um homem com aparência nobre, que usava roupas finas, mas pelo jeito era um forasteiro por estas bandas. Não querendo complicar os negócios eu parti depois do grupo e dei uma boa distância deles na estrada.



Em 3 dias eu cheguei a tal da “cidade grande” que os locais falavam, Vallaki. Cheguei um dia antes de um festival local. Guardei a carroça num entreposto que eles tinham, chamado Arasek. Os donos são um casal, eles me contaram algumas coisas sobre a cidade. O Barão Vallakovich é quem manda na cidade, me pareceu um tanto estranho que ele ordena que a cidade cumpra um novo festival a cada duas semanas, que é para afastar “o demônio”, e ninguém deve repetir o nome dele. Começo a achar que se trata do mesmo “demônio” que o povo da vila falava que morava no castelo.

A única hospedaria da cidade é a estalagem Água Azul, onde fui bem atendido pela Dona Danika. O marido, chamado Urwin é da família Martikov, que são os donos do maior vinhedo (e pelo jeito o único) aqui da Barovia. Conversei um pouco com ele, e ele me disse que o irmão tinha entregue vinho ali uma semana antes, mas que o vinhedo ficava a um dia de viagem para o oeste. Neste dia estava tendo o festival onde os guardas desfilaram carregando umas lanças com cabeças de lobo fincadas nas mesmas. Meio estranho, o Barão estava no palco com a esposa e o filho, ele sorria e falava “Tudo vai ficar bem”, diversas vezes. A população sorria e festejava quando os guardas passavam perto, mas não pareciam tão animados quando estavam longe. Teve um sujeito (fiquei sabendo depois que era o sapateiro local), que fez uma piada meio ruim “Tudo vai fica bem ... louco”, e foi preso e levado.

Resolvi ficar quietinho depois disso, fui visitar a loja de brinquedos do Blinski, para procurar alguma coisa pros meus filhos. Fiquei sabendo destes brinquedos quando estava em Borca, parece que tem um nobre lá que paga fortunas por estes brinquedos. Os brinquedos são realmente bem feitos, mas alguns são meio “sinistros”. O dono é bem simpático, mas tem uns tiques meio estranhos. Eu comprei esse bonequinho de caveira aqui.



Que pula quando a gente puxa essa cordinha.

Dia seguinte, pé na estrada, vamos seguir para o vinhedo.

Quando estava chegando quase na segunda ponte, eu vi uma cena fantástica e

assustadora. Ao longe voando tinham duas pessoas,, uma delas eu reconheci, era o “feiticeiro” que eu tinha visto na vila. Ele estava voando super rápido e soltando raios de um cajado. Seu oponente estava voando em cima de um cavalo negro que tinha fogo nas patas, o sujeito me dava calafrios. Pelo jeito o cavaleiro também conhecia feitiçaria, pois eu vi ele lançando uns raios negros que saiam das mãos, e depois fazendo um círculo de vento para impedir um dos raios do feiticeiro. Mas graças ao senhor da luz, os dois foram embora rápido. Tudo que eu vi foi o feiticeiro controlar a água do rio que subiu e atingiu os dois, quando a água caiu de volta os dois tinham sumido.



Eu fiquei tão assustado que toquei o cavalo pra correr, e acho que acabei perdendo a estrada que ia para o vinhedo. Quando dei por mim, estava chegando em outra cidade. Esta tem muros mas é menor que Vallaki, quase uma vila também, chamada Krezk.

Estava quase escurecendo já e pedi pros guardas pra me deixar entrar, mas eles negaram. Eu disse que era comerciante, mas eles disseram que só ia poder entrar de manhã.

Eu me ajeitei na carroça então pra dormir, mas o tempo estava péssimo, chovendo. Eu vi uns relâmpagos caindo no alto da montanha repetidas vezes, lugar esquisito. Os lobos estavam nervosos essa noite e não paravam de uivar.



Então um dos relâmpagos iluminou o lugar e eu vi as criaturas. Não eram lobos comuns, dois deles ficaram de pé nas patas traseiras. Eram monstruosos. Se eu nunca tivesse visto essas criaturas antes eu não saberia o que fazer e teria morrido. Mas antes que eles pudessem me ver eu me escondi pra fugir, ainda bem que eu sempre carreguei comigo aquele saquinho de erva toira que eles não gostam.

Eu joguei um pouco no caminho enquanto me afastava. Mas os malditos assustaram o cavalo que entrou em pânico e saiu correndo. Um pouco mais pra frente eu vi um vulto de uma pessoa sair do meio do mato e subir na carroça. O desgraçado estava mancomunado com os lobisomens !!!!

Sem a carroça e sem poder entrar na cidade, eu voltei pra estrada, já era de manhã quando eu achei a estrada pro vinhedo. Fui caminhando mesmo e cheguei no Feiticeiro dos Vinhos já era quase meio dia. Conheci então os Martikov, os donos do vinhedo. O patriarca Davian é um senhor bem turrão e cabeça dura. Ele manda vinho pra toda Barovia, mas pra vender pra fora ele fica cheio de desculpas. Mas os vinhos aqui são os melhores que eu já provei, vale a pena tentar convencer o velho.

Os Martikov são gente boa, mas como toda família grande, eles parecem que se divertem em discutir. Eu ouvi que um dos filhos do velho ficou sabendo da rebelião da vila da Barovia e decidiu ir até o castelo também. Mas o velho não quer que ninguém fale nisso.

No dia seguinte que eu estava aqui no vinhedo, o Adrian, o filho mais velho, me levou pra conhecer a plantação. Tem uns terrenos pro sul que ele me disse que era onde plantavam as uvas pra fazer o Du Lestomp, mas que a bruxa do pântano amaldiçoou a terra e não nasce mais uva lá. Tem bastante corvo na região, os bichos são grandes. Eu perguntei pro Adrian se eles não estragavam a plantação, e ele me disse que os corvos aqui na verdade ajudam, eles matam os roedores que comem as parreiras. Precisava levar uns desses lá pra Rlichemulot pra comer os ratos, ia ser uma briga difícil.

Estava tudo bem, mas eu pareço um para-raio de problemas, né?

Veio um bicho super estranho voando, parecia um espantalho voador, ele foi direto atacar os corvos. Eu me assustei, e o Adrian ficou em pânico. Ele correu de volta pra casa grande, e o velho saiu de lá com uma escopeta correndo na direção que tínhamos visto o bicho. Eles ficaram preocupados.



Passamos mais alguns dias, eles arrumaram um cantinho pra dormir, eu fui ajudar a esmagar as uvas e acompanhar o processo. Mas eu ouvia eles discutindo, eles estavam preocupados. Em algum momento eu ouvi um deles falar com o velho que “a bruxa tinha roubado uma das sementes”. Não entendi, mas parecia importante. Eles desconversaram assim que perceberam que eu estava por perto. Cada dia apareciam mais dos bichos-espantalhos. E eles estavam atacando os corvos. O Adrian só me disse que dava muito azar matar os corvos, que eles tinham que fazer alguma coisa.



Então a dois dias atrás apareceram os bicho-planta. Um monte deles, entrando pela plantação a dentro. Os Martikov começaram a brigar com esses bichos, mas eram muitos, e fomos todos sendo cercados dentro da casa. Eu posso estar ficando meio louco, mas posso jurar que os corvos estavam brigando com os bichos também.

Eu tentei ajudar como podia, mas daí apareceram esses bruxos que os Martikov chamavam de “povo da floresta”.

A família decidiu fugir, mas o velho turrão disse que era pros filhos levarem as mulheres e as crianças e buscar ajuda em Vallaki.

No meio da confusão eu não vi a família fugindo, e acabei descendo com o velho aqui pra adega, onde ele disse que era mais seguro.

Ele disse pro Adrian para proteger “a semente”, e que ia ficar para a bruxa não descobrir. Quando eu perguntei ao velho o que era “a semente”, ele resmungou alguma coisa mas não me disse.

Mas ontem, depois de estarmos presos aqui embaixo, com os bruxos lá em cima, ele me contou. Me disse que se íamos morrer não fazia diferença, que a “semente” é uma pedra mágica do tamanho de um tomate. Ele me disse que a magia é o que faz as uvas crescerem bonitas e saudáveis o ano inteiro. Disse que a bruxa já tinha roubado “a outra semente”, imagino outra gema igual.

